

## **LÍNGUA PORTUGUESA: VARIAÇÃO E ENSINO DA LÍNGUA MATERNA**

*Gabriela Barreto de Oliveira (UFF)*

[gabrielaboliveira@hotmail.com](mailto:gabrielaboliveira@hotmail.com)

*Edila Vianna da Silva (UFF)*

[edilavianna@gmail.com](mailto:edilavianna@gmail.com)

### **1. Introdução**

Neste trabalho, propomo-nos a estudar o espaço que as variedades linguísticas têm ocupado no ensino da língua materna, tendo em vista, que a variação linguística é um conteúdo curricular, que faz parte do Currículo Mínimo, proposto pela SEEDUC-RJ (Secretaria Estadual de Educação – RJ). No entanto, diferentemente dos conteúdos tradicionais, tais como: classe de palavras, elementos da oração, ou estrutura e formação de palavras, que encontramos em qualquer gramática normativa da língua, que material utilizar para trabalhar variação com alunos do 6º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. Ou seja, o que ensinar a respeito desse tema?

Além disso, consideramos um problema da escola atual apresentar a variedade culta ou padrão como a única possível (correta) no uso da língua. O fato de a escola exigir do aluno que apague a variedade de seu grupo de origem ou a substitua por outra é algo inaceitável à luz das contribuições linguísticas. Ou seja, o objetivo do presente trabalho é abordar o lugar das variedades linguísticas no ensino da língua materna no Brasil. Para tanto se faz necessário, analisar como esse assunto é visto pelo professor, e de que forma é tratado em sala de aula. Dessa forma, propomo-nos a analisar, por amostragem, a óptica através da qual são passados os conteúdos teóricos, bem como o modo de elaboração dos exercícios, tendo comentários sobre ambos os itens e fazendo sugestões, preferentemente com fulcro em obra de especialista no ensino do português ou em linguística, consistindo o trabalho na apreciação de um conjunto de exercícios extraídos de compêndios didáticos de qualidade reconhecida, contemplando a sequência do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

## **2. Conceitos fundamentais**

### **2.1. Linguística**

Os estudos da linguagem tem uma rica história, que se estende por milhares de anos. Entretanto, a linguística moderna desenvolveu-se a partir do século XIX, com a publicação póstuma de *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure. A linguística é, portanto, uma ciência cujo objeto de estudo é a língua. Surgiram várias teorias linguísticas, dentre elas, a teoria gerativista, de Noam Chomsky, que pesquisa as estruturas ditas universais comuns a todas as línguas naturais, e as estruturas particulares de cada língua, procurando, ainda, conhecer o seu modo de emprego nas diversas situações comunicativas, quer na fala, quer na escrita. Assim, os linguistas – cientistas da linguagem – empenham-se em desvendar os segredos dos mecanismos próprios do funcionamento das línguas, propondo atualizações teóricas, sendo suas descobertas, como ocorre com as das ciências afins (psicolinguística e sociolinguística, por exemplo), passíveis de utilização no ensino.

O objeto do linguista, como observa Celso Cunha, é descrever, analisar e caracterizar não somente a língua, mas o fato cultural que nela se espelha, com vista, em última instância a um melhor conhecimento do homem, reconstituído em seu meio, em seu tempo, em seu mundo psíquico, em suas ações. Esse estudo da linguagem pode ser entendido como uma pesquisa acerca da mente e do pensamento, considerando que as línguas são o melhor espelho da mente humana, como diz Leibniz.

O tema abordado neste trabalho se relaciona com a linguística, ciência que estuda a língua como um sistema de signos convencionais que faculta aos membros de uma comunidade a comunicação. Segundo Dino Preti, a língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. Pode ligar-se à sociologia o estudo da língua quando esta é entendida como manifestação da vida em sociedade, abrindo-se, a partir daí, campos novos de pesquisa, em especial o da sociolinguística.

### **2.2. Variação linguística**

Pelo caráter maleável da forma linguística, que oscila em torno de um padrão quando de sua realização, é que se produz o efeito de unidade na variedade, não sendo, pois, os diversos dialetos mais do que faces da mesma língua.

Segundo os dicionários de linguística, chama-se variação o fenômeno pelo qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social. A *variação diacrônica* da língua dá lugar aos diversos trabalhos de gramática histórica; a *variação no espaço* fornece seu objetivo à geografia linguística e à dialetologia no sentido corrente do termo; a sociolinguística se ocupa da variação linguística de cunho social. A variação é consequência da propriedade da linguagem de variar em suas formas por meio da multiplicidade do discurso. Essa variação real é compensada por uma invariabilidade imanente, que faz de cada realização, a rigor diferente de qualquer outra, a apresentação de uma invariante que é o seu *padrão*. Assim sob a variação incessante dos discursos há a invariabilidade de um modelo, a que essa variação se refere, e cujo sistema constitui a língua, no sentido em que Saussure a opunha ao discurso. Cada elemento padronizado da língua tem suas variantes; há assim as variantes do fonema, do morfema, do semantema e dos padrões frasais. A variação pode ser livre, quando decorrente da própria impossibilidade de se repetir uma forma sempre exatamente da mesma maneira e de se chegar a uma identificação absoluta de realização entre todos os falantes de uma língua, ou pode ser estilística, quando há intenção do apelo e da manifestação psíquica. Por outro lado, a variação posicional decorre de uma assimilação geral dentro do contexto. Variedade linguística é a expressão linguística sistematicamente controlada por variáveis situacionais. Segundo L. Hjelmslev, a variante é uma forma de expressão diferente de outra quanto à forma, mas que não acarreta mudança de conteúdo em relação a essa outra.

Segundo Preti, o estudo do problema da variedade linguística está subordinado a dois amplos campos, em que o primeiro abrange o segundo: variedades geográficas (ou diatópicas) e variedades socioculturais (ou diastráticas). Variedades geográficas são aquelas que ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais. Variedades socioculturais ocorrem num plano vertical, isto é, dentro da linguagem de uma comunidade específica (urbana ou rural). As variações socioculturais podem ser influenciadas por fatores ligados diretamente ao falante (ou ao grupo a que pertence) ou à situação ou a ambos simultaneamente. Com relação às variedades ligadas ao falante, interessam-nos, para este trabalho, em particular, o seu grau de escolaridade e o local em que ele reside na comunidade. Do ponto de vista linguístico, consideramos a concorrência de dialetos sociais como um

processo normal de variação da língua, que se adapta às necessidades expressivas da sociedade em desenvolvimento para que se atendam as múltiplas situações de comunicação. Vemos como papel da escola, pois, a promoção da oportunidade de ampliar e aprofundar os conhecimentos do aluno acerca das variações linguísticas, para que ele seja capaz de utilizar-se das diferentes formas, de acordo com a exigência da situação.

### **3. *Linguística e o ensino das línguas***

No ensino de língua materna, particularmente no caso do ensino da matéria língua portuguesa no Brasil, onde vige uma norma-padrão com raízes fincadas no português europeu, a evolução da fala pode ser, indevidamente, encarada como desvio, como erro. À luz da linguística, pode-se desfazer esse equívoco, o que não quer dizer que se deva ensinar linguística às crianças desde o início de sua escolarização, em lugar de dar-lhes as tradicionais e importantes lições de português, mas escolher conteúdos e material didático, bem como adotar procedimentos pedagógicos, que levem em conta os modernos estudos linguísticos. A linguística contribui para a formação do professor de português ao inovar na conceituação de linguagem, língua, variações e registros, entre outras, além de evidenciar a noção de que não há língua que não evolua, de que o uso atualiza a gramática e de que a variação natal, a língua materna naturalmente aprendida, integra a personalidade do falante como um saber interior, que deve ser tomado como ponto de partida do ensino. Esse embasamento teórico é vital para orientar a prática docente, não sendo, entretanto, conteúdo curricular para os alunos.

Neste ponto, concordamos com Celso Luft, que propõe uma nova concepção de ensino da língua materna, na qual se veja o aluno como alguém que já sabe a sua língua, uma vez que a maneja com naturalidade desde antes de ir à escola, precisando apenas liberar mais suas capacidades nesse campo, aprendendo a ler e a escrever.

É, a nosso ver, fundamental que o professor de língua portuguesa em nosso país tenha consciência de que a norma-padrão – que ele deve ensinar – é uma variante do português, como tantas outras que há. Sob esta óptica, não deve o professor discriminar o falar do aluno recém-matriculado na escola. É importante que a escola conheça as variantes linguísticas da comunidade na qual ela se insere e atue de modo a respeitar e a valorizar o conhecimento linguístico prévio de cada estudante, pois se este perceber que o seu modo de falar é valorizado e respeitado

sentir-se-á estimulado a aprender. Sendo assim, deve ser ensinada a variedade-padrão, mas sem que se despreze a bagagem cultural que o aluno já traz ao entrar na escola, tendo-se o cuidado de não se dizer que o que ele sabe está errado: “Ele fala errado, escreve errado” são dizeres inadequados a um professor, pois encerram uma incoerência, uma vez que as outras variantes costumam ser tão apropriadas para a comunicação quanto a norma-padrão, mesmo que não obedecem às regras gramaticais desta última. Quando os educadores se conscientizam de que o recém-chegado já carrega uma experiência de vida, às vezes rica, anterior à fase escolar, de que ele não é uma folha em branco, um intelecto vazio aguardando depósitos de sabedoria, mas um ser que se comunica eficientemente e que busca através da escolarização a conquista do código que o capacitará a alcançar uma posição social digna, aí, sim, pensamos, a escola está apta a bem cumprir sua finalidade.

Entendemos que também é encargo do professor empenhar-se no combate à visão carente de fundamentos lógicos difundida no seio da população de que a variante culta é a única boa possibilidade de expressão, o dialeto social ideal, merecendo as demais variantes, as populares, ser relegadas a um plano inferior e tachadas de inadequadas e defeituosas para a comunicação oral ou escrita. Repetimos: a norma-padrão deve realmente ser ensinada, mas a expressão veiculada em uma das variantes de menos prestígio não pode ser considerada inferior, do ponto de vista linguístico. Entre profissionais do ensino, principalmente da área de português, um conhecimento mínimo de dialetologia é indispensável, a fim de possibilitar uma visualização isenta do panorama dialetal brasileiro. Frases que já fazem parte do senso comum, do tipo “o português é a língua mais difícil do mundo” e “no Brasil ninguém domina a língua natal”, não podem encontrar guarida na Escola ou entre professores, pois, à luz da linguística, tais afirmações não se sustentam. Comungamos do ponto de vista de Dionísio & Bezerra (2005, p. 88):

Acréscete-se que é no momento em que o aluno começa a reconhecer sua variedade linguística como uma variedade entre outras que ele ganha consciência de sua identidade linguística e se dispõe à observação das variedades que não domina.

Nossa identidade estando em nossa língua, é lícito que suponhamos que se a vírmos respeitada e valorizada por ocasião dos nossos primeiros passos escolares nossas chances de prosseguir com interesse na carreira de estudante é maior do que se sofrermos algum tipo de constrangimento com relação a ela.

A classificação da norma-padrão como um dialeto entre os demais que compõem o português – língua viva – mais prestigiado que os outros, embora não seja propriamente melhor que eles, pode facilitar a prática do seu ensino. Este posicionamento representa a desmistificação da norma, demovendo obstáculos psicológicos que poderiam bloquear o interesse pelo seu aprendizado, evidenciados por expressões como “isso não é para mim” ou “jeito de falar estranho”.

Posição assumida, resta-nos o problema da sua prática no ensino. É fundamental o reconhecimento expresso por parte do professor da legitimidade dos dialetos praticados pelos alunos, assim como é também fundamental que o professor esteja convencido da necessidade de se ensinar e aprender uma norma-padrão. Entendemos que esse ponto de vista deve ser passado para os alunos, com franqueza e sem misticismos, inclusive mencionando-se a artificialidade da norma-padrão, presente tanto na oralidade quanto na escrita. É importante esclarecer aos alunos que é uma particularidade do ser humano em geral o fato de utilizar-se de uma língua e do homem civilizado como o conhecemos hoje a tendência à descrição e normatização da sua língua, que acaba por ser vista como objeto precioso, mais valorizada que a “dos outros”, tornando-se, assim, a norma-padrão.

Compreender a norma como uma variante linguística entre as demais torna o trabalho com a língua portuguesa mais apropriado, pois com universalização do ensino fundamental no Brasil entraram para a escola alunos oriundos das mais diversas realidades culturais. Aproveitar o conhecimento prévio dos alunos pode ser uma ótima estratégia para diminuir a evasão escolar, sem contar que pode proporcionar aulas mais ricas e criativas, em que os alunos possam sentir-se mais à vontade e descobrir o prazer de aprender. A propósito deste tema, citamos:

Percebe-se uma tendência a dicotomizar a produção linguística entre, de um lado, o padrão (equivalente à escrita) e, de outro, o não padrão (equivalente à fala), o que pode trazer um duplo inconveniente: visão monolítica e uniformizada, a par da desvalorização da língua falada. (MARCUSCHI, 2005, p. 26)

Sendo o ser humano curioso por natureza, acreditamos que ele seja também naturalmente interessado em aprender; entretanto é preciso cuidar para que essa característica não seja inibida. É importante manter o aluno na escola e tentar garantir-lhe o melhor ensino, para que ele venha a tornar-se um cidadão apto a enfrentar os desafios do futuro, tanto no seu interesse pessoal como no interesse coletivo.

#### **4. A norma-padrão e o ensino**

A padronização da língua foi um processo necessário visando a sua nacionalização. Entendamos que, do ponto de vista linguístico, seria muito estranho se num país da dimensão do nosso e cuja população se formou de variadas maneiras nas diversas regiões todos falassem espontaneamente da mesma forma.

Dessa forma, a norma-padrão foi instituída pelo Poder como língua nacional, na qual devem ser redigidos todos os documentos oficiais. De certa forma, a norma-padrão pode ser vista, ainda, como uma espécie de língua geral, que deve ser compreendida por todos os falantes de qualquer recanto do país, o que se verifica mais facilmente com relação a sua modalidade escrita, pois ela é a língua escolar, e quem frequenta escola regular a aprende.

Seu ensino é obrigatório, por lei, em todo o nosso território, com o nome de língua portuguesa. Todavia, não é apenas a obrigatoriedade legal que nos faz entender que seu ensino seja devido. Nós, seres humanos, temos certas particularidades que constituem traços distintivos da nossa espécie; pensamos que valorizar uma língua e adotá-la como padrão pode fazer parte do elenco desses traços. Mas, mesmo não considerando este aspecto, há razões de sobra para pugnarmos pelo ensino da chamada norma-padrão. Podemos começar falando de toda a literatura em língua portuguesa, dalém e daquém mar, que se torna acessível àqueles que dominem a nossa variante mais prestigiada. Outro aspecto é o da cidadania: todos os documentos oficiais são redigidos segundo a norma, donde se conclui que negar o ensino desta ao aluno significa cercear direitos seus, equivalendo a sonegar informações. Segundo Bagno, o aluno deve se apoderar de ferramentas linguísticas que ainda não conhece e que gozam de prestígio em determinadas camadas da sociedade. “Vamos respeitar os direitos linguísticos deles, vamos preservar sua autoestima linguística (e a nossa também)” (BAGNO, 2002, p. 158).

A norma-padrão, em essência, é uma variante linguística como outra qualquer; apenas é mais prestigiada que as outras por ser praticada pelos detentores do poder, com a finalidade de promover e preservar a unidade linguística e, conseqüentemente, política de um dado território. No caso do Brasil, é o falar de um grupo bem-sucedido que galgou o mais alto grau do prestígio linguístico, passando a ser admirado como uma língua perfeita, ou melhor, como a língua perfeita, uma vez que servia aos que detinham o poder econômico e político. “Em geral, a variante

considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade” (TARALLO, 2002, p. 12). Enquanto isso, as outras variantes, as dos que não desfrutavam de prestígio por não serem dos poderosos, passaram a ser estigmatizadas como imperfeitas ou incorretas. Assim, é de se esperar que o posicionamento da escola seja o de proporcionar ao aluno o acesso à norma-padrão, não importando qual seja sua variante originária, instrumentalizando-o, dessa forma, para decodificar os bens culturais produzidos na referida norma, bem como para atuar com mais eficiência no mercado de trabalho e nos seus relacionamentos interpessoais e culturais. Quando os educadores se conscientizam de que o recém-chegado já carrega uma experiência de vida, às vezes rica, anterior à fase escolar, de que ele não é uma folha em branco, um intelecto vazio aguardando depósitos de sabedoria, mas um ser que se comunica eficientemente e que busca através da escolarização a conquista do código que o capacitará a desfrutar de uma vida em sociedade melhor e mais digna, aí, sim, a escola está apta, em nossa opinião, a bem cumprir a finalidade à qual se destina.

O ensino da língua materna deve se fundamentar, portanto, em desenvolver a capacidade do usuário da língua empregar a língua nas diversas situações de comunicação. Assim, este desenvolvimento deve ser entendido como a progressiva capacidade de realizar a adequação do ato verbal às situações de comunicação (cf. FONSECA & FONSECA, 1997, p. 82).

##### **5. *Analisando o livro didático***

Por ser nossa intenção com este estudo levantar questionamentos acerca do ensino da língua materna no Brasil e por vermos o livro didático como um regulador ou um guia da atividade docente, decidimos pesquisar nele a aplicabilidade dos modernos conceitos dialetológicos no ensino do português, à luz dos ensinamentos de mestres renomados, cujas obras consultadas integram as referências bibliográficas deste trabalho. Tomamos como *corpus* o conjunto dos livros de autoria de William R. Cereja e Thereza Amália C. Magalhães indicados para os quatro anos letivos do segundo segmento do ensino fundamental, por constituírem material de excelência reconhecida, representativo, portanto, do que de melhor há na sua categoria.

No conjunto de livros didáticos estudados estão presentes diversos exercícios em que se pergunta ao aluno que variedade está sendo empre-

gada em um determinado texto e se ele está escrito em registro formal ou coloquial. A coleção apresenta uma grande diversidade de textos (gibis, fábulas, reportagens, receitas, etc.), em que são explorados diversos aspectos, entre eles, o da variedade linguística. Na maior parte desses exercícios, no entanto, pede-se ao aluno somente que identifique a variedade em que o texto está escrito, como no exemplo que a seguir transcreveremos:

5. Observe a linguagem empregada no relato. Que tipo de variedade linguística predomina?  
A variedade padrão.

(CEREJA, 2002, p. 56).

Considerando o livro didático como uma importante ferramenta de ensino, se faz necessário uma constante análise do seu conteúdo e das formas de abordagens desse conteúdo. Evidente que o professor não deve se prender ao livro, esse é apenas um ponto de partida.

Em sua pesquisa sobre a gramática na escola – Maria Helena de Moura Neves – observou que “As aulas de gramática consistem numa simples transmissão de conteúdos expostos no livro didático. Essa foi a primeira verificação que se fez ao se pesquisar a natureza do ensino da gramática nas escolas.” (NEVES, 1994, p. 12).

Quanto à natureza dessa gramática ensinada, a pesquisa apontou o desconhecimento por parte dos professores, da gramática compreendida como o próprio sistema de regras da língua em funcionamento.

Quanto aos livros didáticos adotados pelos professores a pesquisa verificou que na apresentação dos livros os professores declararam que todos possuem parte gramatical e a maioria traz pouca teoria e muitos exercícios. A pesquisa também revelou que a grande maioria de professores de 1º e 2º graus (90%) recorrem à parte gramatical do livro didático, se limitando a ela.

Na verdade, a real ocorrência dessa consulta a manuais, declarada nos questionários, desmentiu-se nas entrevistas. Como já se apontou aqui, os professores, na quase totalidade, restringem sua fonte de informações ao livro didático em uso. (NEVES, 1994, p. 22).

No livro didático referente ao 6º ano do ensino fundamental, na parte destinada ao estudo da língua: “língua em foco” – construindo o conceito conceituando, o conceito de língua é apresentado ao aluno: “Língua é um conjunto de sinais (palavras) e de leis combinatórias por meio das quais as pessoas de uma comunidade se comunicam e intera-

gem”. (CEREJA, 2002, p. 29) e o conceito de código, aplicando o código na construção do texto. Nessa mesma unidade, são apresentados o conceito de variedade linguística e a questão da adequação linguística. A oralidade/escrita e formalidade/informalidade também são estudadas. As variedades linguísticas na construção do texto. A forma pela qual esse tema é trabalhado está de acordo com as propostas dos estudos linguísticos.

Quanto ao conteúdo gramatical, verificamos uma exposição, na qual o aluno, num determinado momento pode construir o conceito. Primeiramente há uma proposta de oferecer ao aluno a possibilidade de aprender o funcionamento da língua. Durante esse processo de construção do significado, alguns pontos diferenciais entre as variantes são apontados, como no emprego dos pronomes pessoais do caso reto. Consta seguinte afirmação: “De acordo com a variante padrão da língua, os pronomes pessoais do caso reto só podem desempenhar a função de sujeito, ao passo que os oblíquos desempenham a função de objeto. Por essa razão, na variedade padrão deve-se dizer...”

Além disso, um ponto a ser destacado na obra é que a noção de *erro* foi substituída pela de *inadequação*, pois um texto pode ser inadequado a uma situação linguística e adequado à outra.

Por fim, analisando os enunciados da coleção estudada, resumimos as tendências mais marcantes da seguinte forma:

- Dicotomia entre variedade padrão e variedade não padrão.
- Exercício comparativo entre as variantes linguísticas, que trazem situações de uso, porém sem aprofundá-las.
- Há uma vinculação dos conteúdos gramaticais às variantes linguísticas.
- Proposta de exercícios do tipo: reescreva, substitua – em que as falas dos personagens devem ser passadas para a norma-padrão.

Ocorrência 01: Dicotomia entre variedade padrão e variedade não padrão.

Nesse tipo de questão as perguntas são objetivas, e visam apenas que o aluno identifique a variedade linguística empregada, sem que se questione o motivo daquele emprego, como nos exemplos que a seguir transcrevemos:

5. Observe a linguagem empregada no relato. Que tipo de variedade linguística predomina?  
A variedade padrão.

(CEREJA, 2009, p. 56).

7. Observe a linguagem do texto.  
A variedade padrão.  
 a) Qual é a variedade linguística empregada?  
 b) Considerando-se as características desse gênero textual e a história da autora do diário, a linguagem empregada é adequada?  
Sim. Professor: Comente com os alunos que, como o diário consiste em um relato de caráter pessoal, íntimo e particular, é possível empregar nele uma linguagem espontânea, informal, e uma variedade não padrão. No caso do diário de Janina Bauman é possível que a autora tenha empregado, quando o escreveu, uma linguagem mais informal e, sessenta anos depois, já adulta, a tenha adaptado à variedade padrão, mais adequada ao público leitor que ela pretendeu atingir.

(CEREJA, 2009, p. 56)

6. Observe a linguagem do texto.  
 a) Qual é a variedade linguística empregada? A variedade padrão.  
 b) A linguagem está adequada ao perfil do público leitor?  
Sim. Embora esteja de acordo com a variedade padrão, ela é simples e direta, porque pretende atingir também crianças e adolescentes.

(CEREJA, 2009, p. 56)

2. Tomando como base a linguagem do texto "Drome, minininha!", responda:  
 a) É empregada no poema a variedade padrão da língua ou uma variedade não padrão?  
 b) Leia o boxe "Eu lírico: a voz do poema". Como você imagina que seja o eu lírico do poema?  
Resposta pessoal. Espera-se que o aluno perceba que o eu lírico é provavelmente alguém simples, com pouca ou nenhuma escolaridade, talvez um habitante de uma comunidade rural.  
 3. Há, no poema, várias palavras que não correspondem a uma variedade padrão?  
Sim. Há palavras que são típicas de uma comunidade rural, como "drome", "minininha", etc.

(CEREJA, 2009, p. 56)

4. Observe, agora, a linguagem da carta.  
É sofisticado, como comprova o emprego de palavras como equívoco, prognóstico, etc.  
 a) O vocabulário empregado nela é simples ou sofisticado? Justifique sua resposta.  
 b) Qual é a variedade linguística adotada na carta? A variedade padrão.  
 c) Que elementos da carta mostram a formalidade da empresa em relação ao cliente?  
 d) Por que a carta é formal?  
Porque a situação exige que seja assim; trata-se de uma relação comercial, isto é, mantida entre empresa e cliente. O uso de um papel com logotipo e endereço da firma, a citação do nome do cliente e seu endereço no lado esquerdo da carta; o vocativo Prezado Senhor e a forma de tratamento Vossa Senhoria, a despedida ("Cordiais saudações"), assinatura do diretor da empresa feita de próprio punho, etc.

(CEREJA, 2009, p. 56)

Na maior parte dos exercícios propostos como foi observado pede-se ao aluno somente que identifique a variedade em que o texto está escrito.

Ocorrência 02: Exercício comparativo entre as variantes linguísticas, que trazem situações de uso, porém sem aprofundá-las.

5. Sérgio Capparelli, o autor do texto, é, além de poeta, professor universitário no Rio Grande do Sul. Evidentemente, ele conhece e domina a variedade padrão. Apesar disso, preferiu redigir o texto numa variedade não padrão. Considerando que se trata de um poema, por que, na sua opinião, ele preferiu essa variedade linguística?

Professor: Sugermos que abra a discussão com a classe. Sugestão: Talvez porque o poeta considere a língua nessa variedade mais sonora, mais bonita ou mais poética (professor: chame a atenção dos alunos para a sonoridade de palavras terminadas em *á*, como *trabalhá, lavá, luá*; além disso, é uma forma de valorizar a língua e a cultura populares.

**As variedades:**

Ocorrência 03: Há uma vinculação dos conteúdos gramaticais às variantes linguísticas.

3. Quando Rodrigo, ao contar por que chegou atrasado, diz “Nós vinha...”, a professora o interrompe dizendo “Nós vínhamos”. Por que você acha que ela disse isso?

Porque ela gostaria que o aluno falasse de acordo com a variedade padrão.

(CEREJA, 2009, p. 56)

2. Leia esta tira, de Fernando Gonsales:

(Folha de S. Paulo, 9/6/2003.)

a) A que se refere o pronome isso? Ao texto que está na mão da baratinha.  
 b) Se o objeto a que o pronome se refere está próximo de quem fala, qual seria a forma adequada, de acordo com a variedade padrão? isto.  
 c) Na sua opinião, a baratinha gostou do que aconteceu? Não. Certamente ela não calculou que a farofa fosse soterrá-la.

(CEREJA, 2009, p. 56)

Ocorrência 04: Proposta de exercícios do tipo reescreva, *substitua*, em que as falas dos personagens devem ser passadas para a norma padrão.

3. A língua portuguesa que falamos no Brasil não é igual em todo lugar. Nessa tira, por exemplo, Chico Bento e Rosinha, por viverem no campo, falam o “dialeto caipira”, isto é, um português diferente daquele que é usado em outros lugares. Se você fala de modo diferente do deles, então que palavras utilizaria no lugar de:

a) “frô”? flor  
 b) “laranjera”? laranjeira  
 c) “ocê”? você

Professor: O objetivo do exercício não é fazer a correção da linguagem dos personagens. Se, entretanto, achar conveniente, poderá conversar com os alunos sobre outros casos de desvios da variedade padrão escrita.

(CEREJA, 2009, p. 56)

3. Há, no poema, várias palavras que não correspondem à variedade padrão escrita. Identifique essas e indique quais seriam as formas correspondentes a elas na variedade padrão escrita.

4. Alguns desvios da variedade padrão...

(CEREJA, 2009, p. 56)

3. As personagens da história em quadrinhos usam algumas palavras e expressões de uma variedade linguística não padrão, como, por exemplo, “só”, “ond’é”, “tá”, “uque”, “tou”, “que qui foi”, “vamolé”, “pera aí”, “pra dirigir”.

a) Como ficariam essas palavras e expressões na variedade padrão?

b) Compare as duas formas dessas palavras e expressões e levante hipóteses: Por que o narrador optou por uma variedade linguística não padrão?

(CEREJA, 2009, p. 56)

4. Uma diferença facilmente percebida entre a variedade padrão da língua e as variedades não padrão diz respeito à flexão dos nomes. Leia estas frases:

Aqueles home chegaro, apanharo as pá e começaro a cavá o poço.  
 As fruta subi-ro de novo com a seca. Tão muito cara. Veja você: no país das banana, uma dúzia custá dois real... É um absurdo!  
 Sábado tem festa do livro. A gente vamos ajudá a montar as barraquinha de livros usado, de troca de gibis e de livros e vamo participar do teatro! Você não que ajudá também?

a) Reescreva essas frases de acordo com a variedade padrão.

b) Observe que, apesar de alguns nomes não terem sido flexionados, não existe dúvida quanto a haver dois ou mais homens, duas ou mais frutas, duas ou mais barraquinhas, etc. Que palavras, em cada uma dessas frases, são responsáveis pela indicação do plural?

(CEREJA, 2009, p. 56)

Nesse tipo de exercício é flagrante a descaracterização da fala do personagem adaptada à norma-padrão: ela se torna artificial e não provoca o mesmo efeito da original.

Esse tipo de exercício tem seu valor, porém poderia ir um pouco além, como se deduz do trecho que a seguir incluímos:

Mas seria mais eficaz se ao invés da simples reescritura na norma padrão, fosse apresentada ao aluno uma situação em que ele pudesse confrontar as formas do padrão com as formas do não padrão e chegar a formular as regras que norteiam as variedades da língua [...] (DIONÍSIO, 2001)

Apresentamos o quadro resumitivo das ocorrências estudadas:

TENDÊNCIAS	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS			
	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
01. Dicotomia entre variedade padrão e varie-	08	4	9	5

dade não padrão.				
02. Exercício comparativo entre as variantes linguísticas, que trazem situações de uso, porém sem aprofundá-las.	01	0	2	2
03. Há uma vinculação dos conteúdos gramaticais às variantes linguísticas.	03	3	1	9
04. Propostas de exercícios do tipo <i>reescreva, substitua</i> , em que as falas dos personagens devem ser passadas para a norma-padrão.	03	5	2	3

## 6. Conclusões

Considerando que o material analisado – o conjunto dos livros didáticos de autoria de William R. Cereja e Thereza Amália C. Magalhães destinados às quatro últimas séries do segundo segmento do Ensino Médio – pode ser tomado como referência, podemos concluir que o ensino português no Brasil está mudando sua face, apresentando-se mais em conformidade com os modernos estudos linguísticos.

Visualizamos com nitidez a abordagem isenta dos dialetos sociais, bem como dos registros praticados em nosso meio, que tiveram presença ao longo dos quatro compêndios, ora como objeto de estudo, ora simplesmente como forma na qual fora escrito um texto aproveitado para ilustrar um fato de comunicação ou para servir de apoio a algum exercício.

Dessa forma, entendemos que a prática do ensino da língua materna entre nós evoluiu, continuando a haver, entretanto, pontos a ser melhorados. Sai fortalecida, também, em função da leitura e da pesquisa empreendidas, a convicção de que é fundamental ensinar-se a norma-padrão, pelas muitas razões aqui aventadas, mas que é igualmente importante que se tenha a clareza de que o dialeto de origem é a própria identidade primordial do falante e que se deve cuidar para que a prática docente expresse inequivocamente esse posicionamento.

Por fim, ratificamos que o papel da escola é desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua, levar o aluno a dominar a norma culta ou língua-padrão, ensinar a variedade escrita da língua. O ensino da língua materna deve se fundamentar em desenvolver a capacidade do usuário da língua empregar a língua nas diversas situações de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?* Um convite a pesquisa. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2001.
- BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática: opressão e liberdade*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- CARNEIRO, Marísia Teixeira. A linguística no planejamento do ensino de português. *Idioma*, n. 19. Rio de Janeiro: UERJ, 1º semestre de 1997.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Amália Cochas. *Português: linguagem: literatura, gramática e redação: 2º grau*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atual, 1994.
- CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 6. ed. atual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Uma política do idioma*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- DIONISIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- DUBOIS, Jean. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- FONSECA, F. I.; FONSECA, J. *Pragmática linguística e ensino de português*. Coimbra: Almedina, 1977.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar. O Santo Guerreiro e o Dragão da Maldade (resenha de *Gramática Nunca Mais*, de Luiz Carlos de Assis Rocha). *Matraga*, n. 14. Rio de Janeiro: Caetés, 2002, p. 177-80.
- \_\_\_\_\_. Filólogos, gramáticos e linguistas. *Idioma*, n. 18. Rio de Janeiro: UERJ, 2º semestre de 1996.
- \_\_\_\_\_; SIMÕES, Darcília Marindir P. (Orgs.). *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade: por uma nova concepção de língua materna*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- Cadernos do CNLF*, Vol. XVII, Nº 12. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.

NEVES, Maria Helena de M. *Gramática na escola*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

POZZEBON, Paulo Moacir Godoy (Org.). *Mínima metodológica*. 1. ed. Campinas: Alínea, 2004.

PRETTI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala*. 4. ed. rev. e mod. – com a reelaboração de vários capítulos. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1982.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.